

JOSÉ DE MESQUITA
(Da Academia Mato-grossense de Letras)

Sonetos

Cuiabá
Revista da Academia Mato-grossense de Letras
Ano VI — TOMOS XI e XII
1938

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Deslumbramento

Há, na vida, por mais áspera, rude e escura,
horas que valem tudo e compensam as dores
que afligem, dia e noite, a pobre criatura,
neste vale em que há mais espinhos do que flores.

Quem não sentiu jamais essa hora de ventura,
Vaga entre-luz do céu, do averno entre os horrores,
sutil emanção do Amor, que, eterno, dura,
do qual são simples sombra, os mais belos amores ?

Essa Visão de Deus, Graça, Paz, Euforia,
ou nos vem, pela fé ao cérebro cansado,
ou, pelo Amor, nos desce à alma tediosa e fria.

E ficamos, assim, de olhar turvo e tremente,
sentindo esse fulgor do Ser iluminado,
tal como quem fitou o sol de frente a frente !

Março 1938

Do “Escada de Jacob”

Luar nas “Três Pedras”

Clareando, a pouco e pouco, a ribeirinha matta,
a lua se ergue, branca, acima das collinas,
e envolve como um véu que, lento, se desata,
o ermo povoado de palhoças pequeninas.

Ouve-se apenas a tristonha serenata
das rans, com seu tan-tan, nos brejos das campinas.
Não se sabe si é o luar que embebe a água de prata
ou si a água é que enche o céu todo de tremulinas...

Ao sabor da corrente uma canoa desce...
Vem da *Pedra encantada*. É o negro d'água que, ora,
vai pescar com a linhada azul que a lua tece...

E vem do céu immenso ou vem do rio fundo
esta extranha impressão, que enleva e que apavora,
de paisagens irreaes, nunca vistas no mundo?

As cigarras de Aldeia

Noite calma de Outubro, após a lua cheia.
Doce luar que raia em vindo a madrugada.
Insomne, a me embalar na ampla rede lavrada,
vejo as horas correr, na solidão da Aldeia.

E vem-me, sem cessar, a constante toada
das cigarras cantando, enquanto o luar prateia
a água do rio, a terra quieta e a verde teia
do mattagal, que cerca a villa socegada.

Desse canto alto e longo embala-me a doçura,
e, esquecido de mim, ali me quedo ouvindo,
e é como si o passado, em ondas de ternura,

me envolvesse e empolgasse ao seu influxo forte,
nesse canto tão doce e nesse luar tão lindo,
dolente, como a vida, e augusto, como a morte.

PICO DO AMOR

Quem vem do leste, demandando a minha terra,
poucos antes de a atingir, galga um ponto elevado,
donde abrange dum lado o hemicyclo da serra,
e a cidade, virente e meiga, doutro lado.

É elle o Pico do Amor, que aos olhares descerra
um lindo panorama ao viajor cansado,
numa doce visão que, ao mesmo tempo, encerra
o trecho ainda a vencer e o trecho palmilhado.

Pico do Amor... Também da vida em meio vemos
uma eminência em que, com a mesma claridade,
nos aparece o tempo, em seus longes extremos:

— a pureza da infância, o ardor da mocidade,
o suave fulgor dos momentos supremos,
sol e luar, dia e noite, esperança e saudade...

VELHA CHACARA

Revejo-a agora como a vi, ridente,
numa outra idade meiga e alviçareira,
cheia de sombra ou á ríspida soalheira,
do rio ao soluçar doce e plangente.

Da várzea, ao longe, enxerga-se a porteira.
A casa-grande, com oitão ao poente.
E além a praia e uma ilha bem em frente,
e a rede armada á sombra da mangueira.

Uma varanda aberta, que enmoldura
a rústica vivenda ribeirinha,
e o galpão, lá no fundo da planura.

E o campo, que era ha pouco um rapadouro,
quando o “*tempo das águas*” se avizinha,
enchem-no todo os lindos “*botões de ouro*”.

Duas Edades

(*No álbum de Mary*)

Quando se tem, assim, menos de vinte annos,
vê-se a vida correr tão doce e devagar,
que ha pressa de attingir o que ella, em seus arcanos,
como uma boa fada anda a nos reservar.

A deusa da illusão seus mil encantos dá-nos
e enche-nos de prazer, fazendo-nos sonhar:
como um philtro subtil de gosos sobrehumanos
a Mocidade em flor nos sabe propinar!

Quando se tem assim já mais de quarenta annos,
e começam a vir os rudes desenganos,
como o tempo é veloz, como corre a voar!

E sentimos então a amargura e a revolta
de ver que a vida passa e o que se foi não volta,
e que ai de nós! como ella havemos de passar!